

Rubem Braga Ausculta a Realidade Argentino

## Fronidizi Afirma Não Haver Perigo de Ditadura Militar

**B**UENOS AIRES, junho (Por gentileza da Panair do Brasil) — De todos os homens que combateram Perón, o que tem mais prestígio na Argentina é Arturo Frondizi. Há muito tempo — talvez desde Irigoyen — o Partido Radical não produzia uma personalidade tão interessante e com tanta capacidade de se entender com o povo. Acontece que Irigoyen enfrentou apenas as velhas forças conservadoras inspiradas pelos interesses dos grandes proprietários e do capital estrangeiro. Frondizi terá, fatalmente, de enfrentar essas mesmas forças e também o peronismo que, arrancado do poder, deixou na massa do povo uma poderosa mística saudosista que tão cedo não será superada. Fiz a mesma pergunta a muitas dezenas de argentinos e raros foram os que não me deram uma resposta afirmativa: «Perón se elegeria se houvesse eleições agora?». Frondizi foi um dos poucos que me responderam — «não!». A sala em que me recebe em sua residência, e a saleta para onde me leva,

parecem mais de um intelectual que de um político. Há livros por toda parte, e os quadros na parede não são caros, mas de um relativo bom gosto. Homem pobre, de vida limpa e grande coragem cívica, Frondizi é, na ver-

4/7/56

Entrevista EXCLUSIVA Para o "Diário de Notícias"

dade, um grande estudioso dos problemas argentinos, e desde logo quero recomendar aos leitores brasileiros seu interessantíssimo livro «Petróleo e Política», editorial Raigal, distribuição de La Facultad, S. A., calle Sarmiento 726, Buenos Aires. E' um livro que interessa a qualquer brasileiro, pois trata de problemas argentinos — não apenas o do petróleo — em tudo semelhantes aos nossos. Os assuntos relativos à atuação dos capitais estrangeiros em países como o Brasil e Argentina me parecem es-

tudados com grande equilíbrio e lucidez. O radicalismo está, atualmente, dividido em três correntes que, por sinal, procuram se entender, e talvez o consigam. A mais forte é a chefiada por Frondizi: o chamado setor de Intransigência e Renovação. Outra é a Ala Unionismo Radical, cujo líder é Zavalo Ortiz, e que está mais comprometida com o atual governo. A terceira, a Intransigência Nacional, de Amadeo Sabatini, de tendências socializantes, está praticamente restringida à província de Córdoba. Arturo Frondizi apoia naturalmente o atual governo, mas procura não se comprometer naquilo que julga errado em sua pátria. Não simpatiza com o plano Prebish; acha que nem todos os antigos peronistas devem ser inelegíveis, mas apenas os que foram condenados por crimes comuns ou políticos. E' favorável a eleições diretas do presidente e seu vice, e contrário à representação proporcional. (Conclui na 2.ª página)

**AMANHÃ:**  
Imprensa  
Argentina: Li-  
berdade e Papel

# Rubem Braga Ausculta . . .

(Conclusão da 1.ª página)

nal que os partidos menores advogam; acha que as eleições das novas autoridades devem preceder a reforma da Constituição.

Ele se nega a tocar no assunto, mas está confirmado que foi dos que mais atuaram no sentido de evitar e depois fazer cessar os fuzilamentos depois da recente revolta peronista. Desde a Revolução de setembro tem percorrido todos os cantos do país, seguramente mais de 20 mil quilômetros, falando em reuniões, comícios e estações de rádio. Parece inevitável que ele seja candidato à Presidência da República. Mas não manifesta pressa pelas eleições:

— E' preciso rever a lista de eleitores e isto ainda demorará pelo menos um ano. O importante não é apressar a data do pleito, é o govêrno decidir como e quando êle será realizado.

— E se os eleitores votarem em branco e essa votação fôr significativa a ponto de tirar a autoridade ao candidato eleito?

— Não creio que o façam. As eleições interessarão a todo o povo, mesmo porque serão ao mesmo tempo municipais, pro-

vinciais e nacionais. Já disse que se Perón fôsse candidato seria derrotado. O povo quer seguir novos rumos.

— Quais?

— Só será possível na Argentina um govêrno democrático. Democrático no sentido da democracia política e econômica. Um govêrno capaz de estruturar a emancipação econômica nacional na base do apoio das grandes camadas do povo.

## O PROBLEMA DO PETRÓLEO

Falamos sôbre a questão do petróleo.

— Ela tem de ser encarada de maneira objetiva, de acôrdo com o verdadeiro interesse nacional.

— O contrato de Perón . . .

— O contrato que Perón havia mandado o Congresso aprovar era entreguista. Até mesmo dentro do Partido Peronista êle indignou a muitos argentinos. De qualquer modo se não viesse a Revolução êle seria aprovado, e a Standard Oil da Califórnia receberia concessões inadmissíveis. Na prática essas concessões não seriam puramente econômicas; elas afetariam a própria soberania nacional, pois importariam no estabelecimento de grandes bases norte-americanas no sul do país.

— Por que Perón se arriscou a êsse passo, êle que se fazia passar por nacionalista?

— Não sei. Creio que precisava de um empréstimo externo para financiar suas loucuras financeiras e econômicas, e êsse foi o preço que lhe cobraram na ocasião.

— Dizem que os ingleses teriam visto com simpatia e talvez mesmo de algum modo ajudado a Revolução, para impedir êsse avanço do imperialismo norte-americano.

— Não tenho informações sôbre êsse assunto. De qualquer modo, Perón havia prometido aos ingleses, isto é, à Shell, concessões igualmente fabulosas em outra região do país. Parece que os ingleses preferiram ficar à espera do que sucederia com o contrato combinado com os americanos . . .

## DITADURA MILITAR

— Acredita que os atuais governantes queiram se perpetuar no poder, implantando uma ditadura militar? Há êsse perigo?

— Não. De modo algum.

— E sôbre o ensino religioso nas escolas, o que pensa?

— Acho que o mais aconselhável é continuar no regime da lei 1.420: êsse ensino é permitido fora do horário das aulas.

7.55